



MIRIAM ALVES E A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA: CONCEPÇÕES CRÍTICAS

MIRIAM ALVES AND AFRO-BRAZILIAN LITERATURE: CRITICAL CONCEPTIONS

Cassiano Assunção¹
Luana Teixeira Porto²

RESUMO

Miriam Alves contribuiu exponencialmente para a valorização adequada da literatura afro-brasileira e com a representatividade dela nessa área e demais espaços semelhantes. Desde muito cedo, a consciência de sua família de origem simples e marginalizada acerca desses assuntos a auxiliou a sempre buscar formação literária e criticidade a partir dela, o que contribuiu para os trabalhos que ela participaria posteriormente, tais como os Cadernos Negros e diversos periódicos destinados à literatura negra no século XX. Nessas condições, Alves desenvolve-se como uma importante escritora dentro da Literatura Afro-brasileira e feminina e participa da constituição delas dando sua contribuição nas suas definições tão debatidas. Segundo a autora, esse tipo de literatura é aquela que se empenha em construir uma escrita que seja não apenas a expressão dos afrodescendentes enquanto agentes de cultura e de arte, mas que aponte a discriminação que os exclui do mundo das letras. A partir daí, este estudo busca discorrer detalhadamente acerca da vida e obra da autora e analisar o seu pensamento crítico acerca da literatura afro-brasileira. Para isso, o substrato teórico utiliza escritores como Eduardo de Assis Duarte (2011), Rodrigo da Rosa Pereira (2016), Zilá Bernd (2011) e na extensa lista de publicações de Miriam Alves. A partir disso, nota-se que a escritora procura mostrar que o papel do escritor afro-brasileiro vai além da escrita, ocupando o papel de intérprete e porta-voz dos anseios e dos sentimentos da grande maioria anônima dos brasileiros de origem africana.

PALAVRAS-CHAVE: Miriam Alves. Literatura. Representatividade.

ABSTRACT

Miriam Alves contributed exponentially to the adequate valuation of Afro-Brazilian literature and its representativeness in this area and other similar spaces. From a very early age, the awareness of her family of simple and marginalized origins on these subjects, helped her to always seek literary training and criticality based on her, which contributed to the works she would later participate in, such as Cadernos Negros and several periodicals destined for black literature in the twentieth century. Under these conditions, Alves develops herself as an important writer within Afro-Brazilian and feminine Literature and participates in their constitution, giving her contribution in her much debated definitions, according to the author, this type of literature is one that strives to build a writing that is not only the expression of people of African descent as agents of culture and art, but that points to the discrimination that excludes them from the world of letters. From there, this study seeks to discuss in detail about the author's life and work and analyze her critical thinking about Afro-Brazilian literature. For this, the theoretical substrate uses writers such as Eduardo de Assis Duarte (2011), Rodrigo da Rosa Pereira (2016), Zilá Bernd (2011) and in the extensive list of publications by Miriam Alves. From this, it is noted that the writer seeks to show that the role of the Afro-Brazilian writer goes beyond writing, occupying the role of interpreters and spokespeople of the yearnings and feelings of the vast anonymous majority of Brazilians of African origin.

KEYWORDS: Miriam Alves. Literature. Representativeness.

¹ Graduado em Letras – Língua Inglesa e Literaturas da Língua Inglesa pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI/FW). Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação da URI/FW.

² Doutora em Letras – Área de Concentração Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Docente-pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Educação da URI/FW (Mestrado e Doutorado).

1 INTRODUÇÃO

Na introdução da obra *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*, o escritor Eduardo de Assis Duarte (2011) questiona:


Nós, negros, podemos falar na sociedade brasileira enquanto tais, ou seja, enquanto negros, sem negar a nossa própria negritude? Naturalmente não, porque a sociedade brasileira está programada para funcionar cordialmente, e negros falando como negros perturbam essa cordialidade (DUARTE, 2011, p. 10).

Para que essa falsa “cordialidade” não seja perturbada, as obras de muitos escritores negros e/ou afrodescendentes são ignoradas pela literatura canônica. Essa é a estratégia adotada pelo cânone para negar a contribuição cultural que os negros vêm dando ao Brasil.

O caso mais notório de que os negros e, em particular a mulher afrodescendente, enfrentam dificuldades para conseguirem visibilidade na literatura e na sociedade é visível na trajetória da escritora Miriam Alves que, por ser mulher, negra e pobre, enfrentou inúmeras barreiras para conseguir expressar as suas vivências. Alves (2016) afirma que “a partir do momento em que a gente começa a dizer que o retrato pintado não somos nós, a sociedade pega um pano e joga em cima desta imagem para não ter que encará-la” (ALVES, 2016, p. 176). Para ela, ser escritor (a) no Brasil é romper com o silêncio, a “não-fala” e transpor os espaços que definem funções preestabelecidas. Essa escrita se constrói época a época, contexto a contexto, mas não deixa de existir, mesmo que seja por muitas vezes negada, invisibilizada.

Nessa perspectiva, este artigo busca apresentar um detalhado panorama a respeito da vida e obra da escritora afro-brasileira Miriam Alves, bem como, apresentar suas concepções a respeito da literatura afro-brasileira. Acreditamos que, por meio do cultivo de vozes negras, como a de Miriam Alves, é que podemos empreender uma literatura legitimamente “revolucionária”, em que as diferenças sejam reconhecidas e aceitas em suas autonomias e alteridades. É assim que podemos pouco a pouco retirar da esfera da invisibilidade o afro-brasileiro sua voz, força, resistência e suas potencialidades.

2 MIRIAM ALVES - VIDA E OBRA



A escritora Miriam Alves nasceu no dia 6 de novembro de 1952, na cidade de São Paulo, onde ainda hoje reside. É bacharel em serviço social pelas Faculdades Metropolitanas Unidas de

São Paulo. Alves faz questão de destacar o importante papel da família na sua formação. Sua mãe, D. Benedita Alves, trabalhava como empregada doméstica e aproveitava as bibliotecas das casas onde trabalhava para ler clássicos da literatura. Em casa, ela contava as histórias lidas para os seus filhos, introduzindo-os em um mundo que estaria fora do seu alcance. Seu pai, o Sr. Maurício Alves, quando percebeu o interesse da filha pela literatura, só lhe presenteava com livros, que eram guardados por ela como relíquias. Aos 8 anos de idade, começou a escrever; sua escrita, com o passar dos anos, foi deixando de ser algo lúdico para passar a se transformar em um espaço de reflexão (ALVES, 1987).

Miriam confessa sua frustração, quando estudante, ao ler obras em que havia personagens negros que não refletiam os sentimentos que ela vivia, mas que, antes, transmitiam visão mediada por conceitos e preconceitos, que muitas vezes causavam-lhe desconforto emocional, e uma certa “autorrejeição”. O negro, no imaginário da literatura daquela época, e, ainda hoje, é visto como o “antibrasileiro”, “antifamília”, “anticidadão”; frequentemente é tratado como o eterno pobre que precisa da caridade alheia (ALVES, 2016).

O Feminismo e o Movimento da Mulher no Brasil no período de 1970 e 1980 impactaram a escritora: “Eu senti essas influências enquanto mulher, porque eu estudava na época e todo esse movimento passou a ser reflexão em sala de aula. Também pela própria vivência dentro da minha família com a participação da minha mãe” (ALVES, 2016, p. 171).

Na década de 1980, passou a integrar o coletivo Quilombhoje Literatura, responsável pela produção dos Cadernos Negros, publicação na qual estreia no número 5, de 1982. No ano de 1983 lançou seu primeiro livro, Momentos de Busca, seguido de Estrelas nos Dedos (1985). Registra, ainda, a influência do movimento negro em sua escrita:

Eu participei do Movimento Negro de uma forma ativa desde 1978 até os meados de 1988 e este ativismo, desde a entrada e a minha permanência dentro do Movimento nesses dez a quinze anos, influenciaram a minha escrita. Inclusive, tenho textos poéticos inspirados em algumas atitudes de relações políticas de Movimento Negro. Alguns dos eixos temáticos dos meus contos são ambientados naquela atuação social, porque atrás de toda militância tem uma vida ativa (DUKE, 2016, p. 171).

Em 1988, elabora, ao lado de Arnaldo Xavier e Cuti, o texto teatral Terramara. No ano de 1989 se desliga formalmente do grupo Quilombo hoje Literatura, mas continua contribuindo para a série com seus contos e poemas. Miriam Alves, desde o começo da carreira, exercita também a crítica, tendo contribuído para os volumes: Reflexões sobre a literatura afro-brasileira (1985) e Criação crioula, nu elefante branco (1987). Participou da organização de duas antologias bilíngues: *Enfim nós/Finally us: contemporary black Brazilian women writers* (EUA, 1995), em parceria com

Carolyn R. Durham; e *Women righting/Mulheres escrevendo: Afro-Brazilian Women's short fiction* (2005), com Maria Helena Lima. Em 2010 publica Brasil Afro autorrevelado, volume crítico e historiográfico, em que trata da literatura afro-brasileira e seus contextos de produção e recepção.

Miriam Alves participa de inúmeros debates, palestras e eventos acadêmicos, sempre tendo como foco de interesse a produção feminina e negra. Pode-se destacar sua participação na “*International Conference of Caribbean Women Writers and Scholars*”, realizada no ano de 1996 e no “*Latin American Speaker Symposium*”, realizado em Nova York no ano de 1997. No ano de 2007 ministrou cursos sobre literatura e cultura afro-brasileira nas universidades do Novo México, Texas e dos Estados Unidos.

Perguntada sobre quais escritores a influenciaram, lembra Machado de Assis, Lima Barreto, Aluísio de Azevedo e o escritor Cruz e Souza. A escritora destaca o impacto da descoberta deste último, primeiro escritor em cuja obra sentiu ressoar a condição de ser negro escrevendo na condição de negro (ALVES, 2016, p. 173).

Para Duarte (2011), a obra de Miriam Alves caracteriza-se por:

[...] sua obra reflexão sobre assuntos de raça, classe social, gênero e sexualidade, em dinâmica que se esforça por ressignificar histórias e signos, e elaborar identidades alternativas. Todavia, trata-se de um movimento progressivo, como se observa por seu primeiro livro, *Momentos de busca*, em que se encontram poemas marcados por indagações, num tom que oscila entre a revolta e a incerteza, revelando um ser que, cansado de um ventriloquismo que lhe nega sua especificidade, percebe a literatura como um espaço de reflexão. Percebe-se ainda que em seus textos é possível deparar-se com um processo de apropriação e releitura do passado; seus versos procuram se contrapor a visões estereotipadas presentes no imaginário brasileiro (DUARTE, 2011, p. 89).

Em entrevista publicada na obra “*A escritora Afro-Brasileira: ativismo e arte literária*” (2016), Miriam afirma que se baseia no realismo social; acredita que não existe escrita fora do realismo social, já que a vivência em sociedade é a matéria-prima de onde extrai e lapida os seus textos, sejam eles ensaísticos, poéticos ou narrativos.

3 A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA: MIRIAM ALVES E A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA DE ESCRITURA FEMININA

O conceito de literatura afro-brasileira tem sido alvo de muitas controvérsias e, como tal, tem se mantido nas reflexões e debates nas últimas décadas. Em uma tentativa de conceituar o termo “literatura afro-brasileira” Ironides Rodrigues declara, em depoimento a Luiza Lobo, que essa literatura:

É aquela desenvolvida por autor negro ou mulato que escreve sobre sua raça dentro do significado do que é ser negro, da cor negra, de forma assumida, discutindo os problemas que a concernem: religião, sociedade, racismo. Ele tem que se assumir como negro (RODRIGUES apud DUARTE, 2011, p. 377).

Segundo essa visão, a literatura afro-brasileira não inclui a produção de autores brancos, pois a autora entende que tal literatura é apenas “escrita por negros”. Zilá Bernd (2011) discorda de Ironides Rodrigues: não se atém à cor da pele do escritor, mas à enunciação do pertencimento, pois acredita que a montagem da poesia afro-brasileira se faz a partir da (re) conquista da posição de sujeito da enunciação, fato que oportuniza a (re) escritura da história do ponto de vista do negro. Edificando-se como espaço privilegiado da manifestação da subjetividade, para Bernd (2011) o poema afro-brasileiro reflete o trânsito da alienação à conscientização. Assim, a proposta do eu lírico não se limita à reivindicação de um mero reconhecimento, mas amplifica-se, correspondendo a um ato de (re) apropriação de um espaço existencial que lhe seja próprio.

Para Duarte (2011) a literatura afro-brasileira é, ainda, um conceito em construção. O pesquisador registra que esta literatura não se caracteriza por um fator isolado, como etnia ou linguagem, mas por um conjunto de fatores, tais como tema, autoria, linguagem, público e ponto de vista.

Com relação à autoria, o autor alega que este elemento é um dos mais controversos, devido ao fato de implicar a consideração de fatores bibliográficos, com todos os empecilhos decorrentes e, ainda, a negação da defesa feita por muitos escritores de uma literatura afro-brasileira de autoria branca. Ao tratar sobre a temática, alega que a temática afro-brasileira abarca “as tradições culturais ou religiosas transplantadas para o Novo Mundo, destacando a riqueza dos mitos, lendas e de todo um imaginário circunscrito quase sempre à oralidade” (DUARTE, 2011, p. 386).

No que se refere ao ponto de vista, este indica a visão de mundo e o conjunto de valores que abarcam as opções até mesmo vocabulares presentes na representação. Isso posto, a ascendência africana ou a utilização do tema são insuficientes, sendo necessária ainda uma perspectiva identificada à história, à cultura, logo, toda problemática inerente à vida e às condições de existência desse importante elemento da população.

No tocante à linguagem, Duarte (2011) alega que a linguagem é um dos fatores instituintes da diferença cultural no texto literário. Sendo assim, a afro-brasilidade tornar-se-á visível também por meio de um vocabulário pertencente às práticas linguísticas oriundas do continente africano e imersas no processo transculturador em curso no Brasil, ou de uma discursividade que enaltece entoações e ritmos.

Por fim, ao tratar sobre o público, o autor destaca a formação de um horizonte recepional afrodescendente como fator de intencionalidade próprio a essa literatura e distingue-a do projeto que norteia a literatura brasileira em geral. O indivíduo que escreve o faz não apenas com vistas a alcançar um determinado segmento populacional, mas o faz também por meio de uma consciência da finalidade do escritor como porta-voz da sociedade.

Duarte (2011) destaca que nenhum desses elementos propicia o pertencimento à literatura afro-brasileira, mas sim o resultado de sua inter-relação. Separadamente, tanto o tema como a linguagem, a autoria, o ponto de vista e o direcionamento recepional são insuficientes para enquadrar um texto como sendo pertencente a literatura afro-brasileira; o autor ressalta a relevância de um ponto de vista culturalmente identificado à afrodescendência.

Dialogando com Duarte, Miriam Alves concorda que, para a academia, a literatura afro-brasileira pode ser, ainda, um conceito em construção; para os produtores, porém, trata-se do que classifica como uma “prática existencial”, arrolando, para tal, quatro razões, associadas à ressignificação e valorização da identidade negra e à assunção da posição e voz de sujeito:

[...] ressignifica a palavra negro, retirando-a de sua conotação negativa [...], para fazê-la significar autorreconhecimento da própria identidade e pertencimento étnico racial. Coloca em discussão a formação da identidade brasileira e desnuda o mito da democracia racial. Essa literatura tem como característica principal a “escrevivência”. E o ponto comum de expressão baseia-se em soltar a voz encarcerada, tocar em assuntos polêmicos e tabus: falar do não dito pela perspectiva de quem nunca pode dizer (ALVES, 2010, p. 42).

Segundo Alves (2010), a literatura afro-brasileira empenha-se em construir uma escrita que seja não apenas a expressão dos afrodescendentes enquanto agentes de cultura e de arte, mas que aponte a discriminação que os exclui do mundo das letras. Para a escritora, tal literatura:

[...] funciona como catalizador de histórias as quais transforma em registro ficcional e poético para transmiti-las não só como anais de fatos, mas, sobretudo, como a grafia de emoções perpetuando, no ato da escrita, o resgate do passado, o registro do presente da trajetória de um segmento populacional relegado ao esquecimento ou ao segundo plano na historiografia, inclusive das artes literárias (ALVES, 2010, p. 44).

Ao mencionar a produção literária afro-brasileira, é importante comentar a literatura afro-brasileira de escritura feminina. As produções dessas mulheres destacam-se por amalgamar o discurso étnico-racial a “uma ‘movimentação’ histórica particular, na medida em que os textos poetizam uma vivência particular à mulher” (DUARTE, 2011, p. 90).

Alves (2010) define a literatura afro-brasileira de escritura feminina como aquela que se institui a partir de pensamento apoiado na experiência de um estar no mundo embasado pelas

identidades de gênero e etnia. Ainda salienta que o discurso poético-ficcional de escritoras afro-brasileiras, apesar de refletir algumas das vivências comuns às escritoras brasileiras não pertencentes à etnia negra, caracteriza-se por um lugar de fala peculiar:

Embora ambas vivenciem o silenciar (não-fala), o lugar de produção é outro significativamente diferente. Há tempos que a mulher negra realizava a dupla jornada, acumulava os afazeres de sua própria casa e prole e se engajava em movimentos populares, tais quais das “panelas vazias”, “creches”, “saúde” e outros. [...] O espaço exterior ao “do lar” há muito já era frequentado pelas mulheres negras, sem que isso significasse independência e libertação. Muito pelo contrário, mais cedo que a revisão feminista, uma parcela de mulheres (as negras) descobriram o que significava dupla, tripla jornada de trabalho, e também tripla opressão: do homem branco, do homem negro e da mulher branca (ALVES apud PEREIRA, 2016, p. 91).

É fato inquestionável que historicamente as representações femininas foram elaboradas sob a ótica masculina e, mais especificamente, sob o ponto de vista de homens intelectuais diretamente ligados aos ideais eurocêntricos. Em razão disso, verificamos que o universo artístico-literário brasileiro excluiu a presença de sujeitos femininos, isto é, das mulheres como agentes de sua própria história.

Segundo Alves (2010), a literatura afro-brasileira de escritura feminina se contrapõe a isso e humaniza a mulher negra, imprimindo um corpo, rosto e um sentir a mulher com características próprias. Parte de um outro olhar, debatendo-se contra as amarras da linguagem, as imposições históricas e as mordanças ideológicas propiciam uma reflexão revelando a face de um “Brasil afro-feminino”, muito diferente do que se padronizou, propiciando uma reflexão e uma quebra de paradigmas a respeito da imagem da mulher negra, distinta da que está presente na literatura já canonizada; mulher-objeto, mulher-sensual. (ALVES, 2010).

As escritoras afro-brasileiras intensificam uma produção que, embora ainda pouco visível nas grandes livrarias, permite uma maior circulação de dados significativos da história da literatura afro-brasileira. Sobre essas escritoras, Maria Aparecida Andrade Salgueiro traça o seguinte comentário:

Escrevendo da perspectiva “mulher” e “negra”, escritoras de origem africana tais como Conceição Evaristo, Miriam Alves, Esmeralda Ribeiro, Lia Vieira, Sonia Fátima da Conceição, Geni Guimarães, entre outras, examinam a individualidade e as relações pessoais como uma forma de compreensão de questões sociais complexas, tais como a vida à margem nas grandes cidades, o preconceito nas situações mais corriqueiras do dia a dia, a exclusão já presente nos livros escolares. Narram sob ótica nitidamente feminina, problemas do cotidiano das mulheres negras, em formato repleto de poesia, e pleno de referências culturais, que buscam momentos fortes de uma cultura que se reconstitui (SALGUEIRO citada por ALVES, 2010-2011, p. 186).



Em muitas produções literárias percebem-se vozes divergentes que reclamam por uma maior visibilidade referente às questões relativas aos descendentes de africanos, que formam a maior parcela da população do Brasil.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que Miriam Alves discute a literatura afro-brasileira e o seu valor para revelar uma realidade não tão analisada por outros segmentos da literatura brasileira. A autora vê e usa a literatura com função social, na tentativa de disseminar a conscientização referente a temas como preconceito, racismo e identidade negra. Em especial, destaca com maior relevância a situação das mulheres afro-brasileiras, as quais, considera, sofrem ainda mais preconceito e carência de oportunidades.

Alves, há mais de 30 anos, luta contra o preconceito referente aos negros, às mulheres e aos escritores marginalizados pela sociedade. Essa militância pode ser percebida nos prefácios de Cadernos Negros, assim como em seu livro *Brasil Afro Autorrevelado*, nos quais a escritora recorrentemente defende essa literatura como uma maneira de delatar esses preconceitos e de assumir simbolismos próprios, rompendo com as máscaras da invisibilidade colocada sobre os afro-brasileiros.

Concluimos ainda que a escritora põe a descoberto aspectos da vivência negra, diferentes dos que estão presentes nas definições dominantes. Sua escrita representa uma realidade extremamente dolorosa, que deixara marcas profundas para os afro-brasileiros, da qual dificilmente eles falam. Miriam Alves inscreve a memória de seus antepassados afro-brasileiros por um olhar que se recusa às omissões que a sociedade brasileira impôs e ainda impõe à população afro-brasileira.

Pensamos que sua obra se faz presente como uma maneira de questionar os discursos hegemônicos contra o racismo, tão presentes na sociedade brasileira, os quais não atingem exclusivamente os afro-brasileiros de classe baixa, mas também os negros de outros estratos sociais. Pensa-se que esses tópicos devem continuar a ser discutidos e analisados, tornando assim possível uma melhor compreensão e disseminação desses pensamentos que Miriam Alves considera tão importantes.



REFERÊNCIAS

ALVES, Miriam. **Brasil Afro autorrevelado**: Literatura brasileira contemporânea. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

ALVES, Miriam. Discurso temerário. **Criação crioula, nu elefante branco**: I Encontro de Poetas e Ficcionalistas Negros Brasileiros. São Paulo: IMESP, 1987. p. 83-86.

ALVES, Miriam. **Literatura negra feminina no Brasil – pensando a existência**. Revista da ABPN, v. 1, n. 3 – nov. 2010 – fev. 2011, p. 181-189.

BERND, Zilá. **Vestígios memoriais**: fecundando as literaturas das Américas. Conexão Letras, Porto Alegre, RS. Vol. 6, n. 6 (2011), p. 9-15.

DAVIES, Carole Boyce, LESLIE, Molar Ogundipe. **Moving beyond boundaries**: volume 1: International Dimensions of Black Women's Writing. Washington, New York University Press, 1995, p. 120-121.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura e afrodescendência no Brasil**: antologia crítica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

DUKE, Dawn. **A escritora afro-brasileira: ativismo e arte literária**. Belo Horizonte: Nandyala, 2016. p. 171- 179.

PEREIRA, Rodrigo da Rosa. **Perspectivas femininas afro-brasileiras em Cadernos Negros**. Rio Grande: Furg, 2016.

Enviado em: 03/03/2021
Aprovado em: 27/07/2021

Página 40